

## NARRATIVAS DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO SOBRE SEXUALIDADE: PRIMEIROS DEBATES

**Leileanne MacDovel Ribeiro**

*Universidade Federal do Pará – [leileanne.ribeiro@gmail.com](mailto:leileanne.ribeiro@gmail.com)*

**Vilma Nonato de Brício**

*Universidade Federal do Pará – [vilma@ufpa.br](mailto:vilma@ufpa.br)*

### Resumo

Neste trabalho, faço uma incursão teórica sobre sexualidade e narrativas a partir do referencial teórico que dá suporte ao Projeto de Pesquisa intitulado “Narrativas de jovens sobre gênero e sexualidade no currículo da Escola Básica”. A pesquisa teve início em Agosto de 2016, e está sendo desenvolvida em uma Escola Estadual da zona urbana do Município de Abaetetuba-PA. A problematização que orienta o projeto se refere às formas como são produzidas as narrativas por jovens da Escola Básica sobre gênero e sexualidade, como tais narrativas emergem no currículo escolar e como elas se constituem experiências de si para os jovens. O referencial teórico-metodológico no qual este projeto se inscreve pauta-se na perspectiva discursiva e narrativa norteada em alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault, que dará sustentação para melhor se fazer uma investigação das condições históricas que tornaram possível a produção de narrativas por jovens sobre gênero e sexualidade no currículo escolar da Escola Básica. A pesquisa encontra-se em andamento, como resultado parcial, ressalta-se que a partir das narrativas juvenis, é possível problematizar a constituição de gênero e sexualidade dos jovens, que tem na contemporaneidade uma gama de espaços-tempos em que o tema é tratado.

**Palavras-chave:** Currículo, Gênero, Juventude, Narrativas, Sexualidade.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte do Projeto de Pesquisa intitulado “Narrativas de Jovens sobre Gênero e Sexualidade no Currículo da Escola Básica”. Para problematizar a análise de sexualidade na educação básica, é necessário recorrer à alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault (2004, 2005, 2006). Onde a partir deste, será possível enfatizar os pressupostos curriculares oficiais e, pensar a pesquisa em educação, e assim dar ênfase às temáticas: currículo, gênero e sexualidade, dando visibilidades à narrativas pouco valorizadas nas pesquisas em educação e sobretudo na Escola Básica. A pesquisa, tem como objetivo maior realizar uma investigação sobre as narrativas produzidas pelos jovens da educação básica, sobre gênero de sexualidade. Onde vemos que por muitas vezes, são feitas narrativas *sobre* os jovens e suas experiências, mas não são produzidas narrativas *pelos* jovens sobre si mesmos e suas experiências, onde estes são invisibilizados na produção de narrativas de suas vivências. A pesquisa de cunho qualitativo tem um caráter bibliográfico e interpretativo, onde será feita a utilização de análise de documentos e de questionário. A primeira etapa da pesquisa constituiu-se no estudo das seguintes temáticas; gênero, sexualidade, currículo, juventude e narrativas onde estas voltam-se para o questionamento das narrativas de jovens construídas no currículo escolar sobre gênero e sexualidade. A pesquisa está sendo realizada em uma Escola Estadual localizada no Município de Abaetetuba-PA, onde está em andamento, como resultado parcial, ressalta-se que a partir das narrativas juvenis, é possível problematizar a constituição de gênero e sexualidade dos jovens, que tem na contemporaneidade uma gama de espaços-tempos em que o tema é tratado, e também verificar como se constituem as narrativas de Jovens sobre gênero e sexualidade, sobretudo no campo escolar.

Nesta obra, apresentarei as discussões teóricas que dão suporte à pesquisa, onde inicialmente faço uma breve análise de Currículo, para em seguida o articular no debate de gênero e sexualidade no âmbito escolar. Na área curricular, as transformações operaram novos modos de pensar a

organização do conhecimento, engendraram processos de reestruturação curricular a nível nacional, alimentados por demandas internacionais e local, pautada nos processos de resistências que reivindicam a valorização das diferenças de diversas ordens, de etnia, de gênero e sexualidade, de religião, de culturas. Desse modo, o currículo assumiu uma centralidade na educação escolar contemporânea, em que como um dispositivo de disciplinarização e de controle dos alunos, sofre várias reestruturações almejando modificar a educação via currículo. A escola por meio do currículo:

[...] contribuiu decisivamente para a crescente abstração do tempo e do espaço e para o estabelecimento de novas articulações entre ambos. Isso foi tão mais decisivo na medida em que tanto a escola fez do currículo o seu eixo central quanto ela própria tomou a si a tarefa de educar setores cada vez mais amplos e numerosos da sociedade (VEIGA-NETO, 2002, p. 163).

Para exercer o domínio do tempo, do espaço, dos sujeitos o currículo é atravessado por relações de poder, mas um poder capilar, que age sutilmente, de forma muito eficaz. Na perspectiva foucaultiana o poder é considerado descentralizado e difuso, contrapondo-se a noção moderna de poder, em geral representado como domínio, força, controle, contendo significados unicamente negativos. Mas, o poder “[...] não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2006, p. 08). A partir dessa concepção de poder não há lugar para a noção de um currículo essencializado, pois, no exercício do poder entram em jogo diferentes técnicas para controlar e dominar os sujeitos, que assim como são aceitas de forma passiva, também são contestadas, resistidas, evidenciando a circularidade do poder.

Na constituição curricular, as questões de gênero e sexualidade envolvem uma gama de situações no currículo escolar que refletem e fabricam, não sem contestação e resistência, homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais. Entretanto, “As escassas investigações sobre currículo e gênero focalizam os silêncios, os preconceitos e as discriminações referentes a gênero, que se encontram no currículo, tanto no currículo formal como no currículo em ação” (MOREIRA, 2001). Em relação a currículo e sexualidade os estudos são mais incipientes ainda, pois persiste a ideia de que trata de um tema de ordem privada o qual cabe a família promover a formação, com uma constituição “natural”.

As narrativas de gênero e sexualidade funcionaram/funcionam como formas de exercício de poder sobre o corpo, onde nem todos são assimilados, permitindo assim que se experimentem fronteiras, lugares proibidos na sociedade binarista e regulatória, onde essas fronteiras passam a ser um lugar desejado por aqueles/as que não querem estar *lá* nem *aqui* ou nem *lá* nem *aqui*. Realizar uma análise das Narrativas de jovens sobre gênero e sexualidade no currículo da Escola Básica é relevante socialmente por valorizar as narrativas produzidas por jovens da Escola Básica sobre uma questão que os constitui, qual seja gênero e sexualidade, mas que muitas vezes nas práticas curriculares não é problematizada ou é trabalhada na perspectiva duplamente disciplinar, uma das características principais do currículo na contemporaneidade. O trabalho com as narrativas de uma perspectiva teórico-metodológica nos possibilita questionar os pressupostos curriculares oficiais e, sobretudo pensar a pesquisa em educação, mais especificamente sobre currículo, a partir de “novos caminhos investigativos”, em que as “narrativas mestras” pautadas nos princípios da razão e do progresso, no ideal de emancipação e autonomia, em “explicações globais e totalizantes sobre o

mundo e a sociedade” (SILVA, 1995, p. 247) sejam questionadas, dando visibilidades a narrativas pouco valorizadas nas pesquisas em educação e também na educação básica.

Tal pesquisa está inscrita numa perspectiva de currículo construída através de “composições temáticas e teóricas” diversas (MAUÉS, 2006), colocada em suspeição a produção discursiva sob diferentes perspectivas, em especial a partir das contribuições foucaultianas. Para Maués (2006) o campo intelectual da educação e do currículo precisa experimentar a composição, a criação para romper com um paradigma disciplinar tanto em nossas formulações teóricas quanto nos desenhos curriculares cristalizados das escolas e também em nossos empreendimentos investigativos.

Para a análise do problema a ser investigado, será utilizado um referencial teórico-metodológico pautado na perspectiva discursiva e narrativa de alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault, tais como: Governamentalidade, práticas de subjetivação e técnicas de si para problematizar as experiências curriculares vivenciadas no processo de escolarização. Os quais será possível fazer uma investigação das condições históricas que tornaram possível a produção de narrativas por jovens sobre gênero e sexualidade no currículo da escola básica. O referencial teórico-metodológico que será utilizado, não pretende construir uma verdade absoluta sobre os temas pesquisados, onde não se admite universalismos ou respostas definitivas, mas provisoriiedades e incertezas, a partir daí interrogar como os sujeitos estão enredados nas relações de saber-poder-verdade.

O currículo nesta pesquisa é considerado um dispositivo de poder, que “[...] envolve formas de conhecimento cujas funções consistem em regular e disciplinar o indivíduo” (POPKEWITZ, 2002, p. 186), através da seleção, organização e imposição do conhecimento objetivando a regulação e o controle de si em dada sociedade. A própria seleção de conhecimento para compor o currículo se constitui uma operação de poder, pois alguns conhecimentos são considerados mais válidos, verdadeiros em detrimento de outros, sobretudo aqueles não validados pela ciência. Esses conhecimentos legitimados para fazer parte do currículo nos constituem, moldam as subjetividades, uma vez que estas são produzidas social e historicamente. “As teorias do currículo deduzem o tipo de conhecimento considerado importante justamente a partir de descrições sobre o tipo de pessoas que elas consideram ideal [...] No fundo das teorias de currículo está, uma questão de “identidade” ou “subjetividade”” (SILVA, 2003, p. 15).

Gênero e Sexualidade envolvem uma gama de situações no currículo escolar que refletem e fabricam, não sem contestação e resistência, homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais. Gênero é uma categoria de análise que pode ser definida tanto como constitutiva de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos, quanto uma forma de expressar as relações de poder. As relações de gênero resultam de construção social, pois cada sociedade possui seus próprios critérios para instituir as relações sociais e, para compreendê-las é necessário saber como gênero se articula com o poder (SCOTT, 1995).

Em relação a sexualidade, é na “História da sexualidade” de Foucault (2005) que se encontram os fundamentos para a tese de sexualidade como uma construção social e histórica. A sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas uma questão social e política, estando diretamente relacionada à forma como a sociedade se organiza culturalmente. Ao concebê-la como um “dispositivo histórico”, Foucault (2005) critica a ideia de naturalização da sexualidade baseada em atributos biológicos. Para Foucault (2007) invenção da sexualidade no século XIX assinala algo diferente de um

remanejamento de vocabulário e foi estabelecido em relação a outros fenômenos: “o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos; [...] a instauração de um conjunto de regras e de normas; [...] mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, desejo, prazeres, sentimento, sensações e sonhos” (FOUCAULT, 2007, p. 09). A sexualidade não deve ser concebida como “[...] uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar”, pois ele afirma que “a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico” (FOUCAULT, 2005a, p. 100). O dispositivo tem um sentido e função metodológica e é compreendido por Foucault como,

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2006a, p. 244).

É esse dispositivo histórico que permite que sejam construídos discursos, como os da igreja, da moral e da lei, sobre a sexualidade, através do poder que se inscreve não na negação ou na proibição do discurso sobre o sexo, mas através da incitação ao mesmo, sendo, portanto, produtivo, o que confere a possibilidade de construir o que ele denominou de “sociedade disciplinar”, que faz um investimento sobre o corpo, para construir o que chamou de “corpos dóceis” (FOUCAULT, 2006). A descoberta do corpo como objeto e alvo de poder foi suficiente para tentar encerrar nele as marcas do gênero e da sexualidade consideradas normais, legítimas.

Entretanto, no currículo gênero e sexualidade são normalizados por serem consideradas categorias estáveis, fixas ancoradas em pressupostas essencialistas de cunho biológico (BRITZMAN, 1996). Portanto é necessário que se faça uma discussão sobre estas temáticas de forma mais subversiva, estranhando-as sob o ponto de vista teórico, político e principalmente com um foco no local, no particular, pois como se trata de categorias culturais, só ganham sentido no âmbito da cultura.

As teorizações de gênero e sexualidade ancoradas nas políticas identitárias passam a ser questionadas pelas teóricas feministas que encontram fendas para construir uma teorização sobre aqueles/as que foram silenciados, mesmo com a instituição da identidade homossexual, ou seja, aqueles/as que optam por serem navegantes, atravessadores/as das fronteiras de gênero e sexuais ou preferem estar nas fronteiras.

O currículo produz discursos e narrativas que constroem modos ser, sentir, pensar, agir em relação à gênero e sexualidade, encerrando a feminilidades e a masculinidades, a heterossexualidades e a homossexualidades em certos limites históricos e culturais. Entender as relações entre gênero, sexualidade e currículo, significa reconhecer que homens e mulheres são sujeitos cambiantes e híbridos, pois em não sendo pretensamente naturais, não obedecem a padrões estabelecidos rigidamente, mas procuram estabelecer relações entre si, o que pode resultar em posições-de-sujeito menos encerradas em padrões identitários rigidamente localizados, já que é parte integrante de uma complexa rede discursiva permeada por relações de poder.

As narrativas produzidas no âmbito do currículo precisam ser “[...] vistas como práticas, objetos de luta que apontam o presente, relacionam-se com o passado, acionam virtualidades futuras, e essa posição requer uma outra retórica que implica transformações nas formas de se conceber a ciência e

a linguagem” (MAUÉS, 2008, p. 01). Desse modo, os jovens vivenciam as práticas curriculares que produzem narrativas de gênero e sexualidade a partir das quais produzem suas próprias narrativas sobre gênero e sexualidade. Maués (2008) destaca que as narrativas produzem um modo de falar se si, um modo que faz parte de uma política da verdade,

As narrativas são assumidas como relatos em meio aos quais, através da linguagem, os sujeitos significam a si próprios e a suas práticas e experiências nomeadas, definidas e relatadas. [...] Trata-se de relatos construídos a partir dos posicionamentos que os sujeitos assumem no interior de uma ordem particular de saberes e discursos (MAUÉS, 2008, p. 02).

Falando acerca da pesquisa, ela teve início em Agosto de 2016, a primeira etapa da mesma consistiu em fazer o levantamento bibliográfico sobre os temas que a darão suporte, por meio de livros, periódicos de referências sobre gênero e sexualidade e narrativas. Ressalto que a pesquisa está sendo desenvolvida em uma Escola Estadual da zona urbana do Município de Abaetetuba-PA, no momento encontra-se em andamento, como procedimentos de seleção dos entrevistados, foram aplicados questionários semiestruturados e entrevistas à alguns jovens selecionados. As “narrativas” foram gravadas em celular com autorização dos jovens da escola acima mencionada, estes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. A identidade dos entrevistados, bem como da escola serão preservados, para identifica-los utilizarei pseudônimos, como resultado parcial, destaco que a partir dos relatos dos jovens, é possível problematizar a constituição de Gênero e sexualidade no âmbito curricular, evidenciando quais são as narrativas que estes fazem e como estas constituem experiências de si para estes sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Básica tem sido alvo de diversas modificações, afim de se ter uma boa qualidade de ensino. Fazendo um breve apanhado histórico, nota-se que a década de 1990 foi marcada pela Reforma Educacional que por meio de diferentes dispositivos jurídicos-legais instituiu novos modos de pensar, organizar e controlar a educação, como: a LDB 9.394/96, a elaboração unilateral dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de 1999, a construção do Plano Nacional da Educação Lei nº 10.172/2000, a Lei do FUNDEF 9.424/96 e a Lei nº 9.131 de 24 de Novembro de 1995 que instituiu o Conselho Nacional de Educação (CNE), Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores para a Educação Básica, entre outras. De acordo com Foucault (1997), tal Reforma Educacional instituiu uma nova “política geral da verdade” sobre a educação e o currículo no Brasil, criando dessa forma, novos modos de construção das relações de saber-poder-subjetivação no processo educacional. As “precauções metodológicas” e a concepção de dispositivo de sexualidade engendradas por Foucault podem servir de bússola para as análises das narrativas de jovens sobre gênero e sexualidade no currículo da Escola Básica.

## REFERÊNCIAS

BRITZMAN, Deborah P. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**. Vol. 21 (1), Jan./Jul. 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1:** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2:** O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2006.

MAUÉS, Josenilda. Currículo: composições temáticas e referenciais. In: CORRÊA, Paulo S. A. (org.). **A educação, o currículo e a formação de professores.** Belém: EDUFPA, 2006.

MAUÉS, Josenilda. Pesquisa e ensino no trabalho com narrativas. **Revista @mbienteeducação,** volume 1, número 1, Jan/Julho 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_ (org.). **Alienígenas em sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis RJ: Vozes, 1995.